

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPE
WARD

*Será que um
coração partido
é mesmo irreparável?*

CAVALHEIRO

número

NOVE

TOP
SELER

Amber

Estava distraída a ver umas fotografias na Internet e sobressaltei-me ao ouvir o toque do telemóvel. Olhei para o ecrã e o nome que vi acelerou-me a pulsação.

Channing Lord.

O Channing?

O meu coração começou a bater mais acelerado.

Por que motivo estaria ele a ligar-me?

Antes de ter tempo para arranjar uma resposta para essa pergunta, peguei no telemóvel e fiz um esforço para parecer animada, apesar de, alguns minutos antes, estar lavada em lágrimas enquanto perscrutava a página de *Facebook* do meu ex-namorado, o Rory.

Passsei a mão pelo cabelo como se a minha aparência tivesse alguma importância.

— Channing!

Senti uma gargalhada sexy e grave a vibrar ao meu ouvido, mas que, sem saber como, desceu para o meio das minhas coxas.

— Como é que sabias que era eu?

Senti os mamilos a endurecerem ao ouvir o som da voz dele. Não queria ter esta reação, mas desde que o conhecera que me debatia com uma paixoneta secreta pelo Channing. Por algum motivo, eu sempre o considereirei terreno proibido.

Quando o conheci, ele era o irmão mais velho da minha melhor amiga. *Terreno proibido.*

Mas, depois, a nossa relação evoluiu para uma amizade que eu estimava. *Terreno proibido.*

Ultrapassar essa barreira com ele era impensável, sobretudo depois de me apaixonar pelo Rory, o seu melhor amigo, o que fez com que o Channing fosse uma vez mais... *terreno proibido.*

Mas o facto de sempre o ter considerado terreno proibido não significava que conseguia ignorar a beleza dele. O homem era lindo e ninguém podia negar isso.

— O telemóvel identificou o teu nome. Foi assim que soube que eras tu — disse.

— A sério? — respondeu ele, soltando uma gargalhada. — Merda. Este telemóvel é meu. Não sabia que as pessoas conseguiam ver o meu nome nas chamadas. Não sei se gosto disso.

— Bem, isso deve-se ao facto de eu ter gravado o teu contacto. Da última vez que falámos deveres ter-me ligado deste número. Acho que isso foi há seis meses.

— Ah, certo. Credo. Já passou algum tempo, não é?

— É verdade. Estou surpreendida com a chamada. O que se passa? Como tens andado?

Continuas uma brasa?

No que lhe dizia respeito, eu não conseguia controlar os meus pensamentos.

Embora falássemos de vez em quando ao telefone, já se tinham passado alguns anos desde que estivéramos juntos. A julgar pelas suas publicações nas redes sociais, ele tinha ficado ainda mais bem-parecido com o passar dos anos. O Channing era provavelmente o ser humano mais bonito que eu alguma vez conhecera. Além disso, ele tinha uma personalidade esfuziante e um charme natural. As mulheres sentiam-se atraídas por ele, e isso acabava por se tornar um problema para qualquer mulher que namorasse com ele. O Channing Lord adorava as mulheres e elas adoravam-no a ele. É essa a verdade.

— Estou ótimo, na verdade — disse ele.

— Que bom. Peço imensa desculpa por não ter dado notícias, mas tenho tido uns meses complicados.

Passaram alguns segundos antes de ele responder:

— Soube o que aconteceu entre ti e o Rory. Fiquei chocado. Estás bem?

Não.

O assunto do Rory transformava-me sempre numa cabra defensiva e antipática.

— Porque é que perguntas? Alguém te disse que eu não estava bem?

— Não. Nem tenho falado com o Rory. A Jordan é que me contou. — A Jordan era uma das minhas amigas que tinha tido um namorico com o Channing há alguns anos.

— Ainda bem que ela te pôs a par das novidades.

— Vocês estavam juntos há uma eternidade. Não é preciso ser um génio para perceber que a separação deve estar a ser complicada para ti.

— Estou a viver um dia de cada vez.

Não queria que o Channing soubesse até que ponto a separação me tinha deixado de rastos.

— É a única coisa que podemos fazer, não é? Um dia de cada vez. Um pé à frente do outro. É uma boa filosofia.

— A que devo então esta chamada, Lord?

— Bem, tenho uma pergunta para te fazer. Não sei se estou a passar das marcas ao perguntar-te isto, mas...

Onde é que ele queria chegar?

O meu ritmo cardíaco acelerou um pouco.

— Está bem...

— Consegui um contrato temporário numa empresa biomédica em Boston. A SeraMed. Já ouviste falar?

— Ah, sim. Em Cambridge.

— Precisamente. A filial de Cambridge. É um contrato de poucos meses e começa no início de outubro. A Jordan disse que eras

capaz de ter um quarto livre que pudesses arrendar. Achei que não haveria problema em perguntar se está disponível. Precisaria do quarto no dia 1 de outubro.

Ele queria ficar hospedado em minha casa? Comigo? Não sabia o que achava da ideia. Mas não queria mentir-lhe.

— Sim, por acaso tenho um quarto. Costumo arrendá-lo no *Airbnb*, mas só tenho hóspedes até final de agosto. Depois disso, está livre. — *Mas que raio?* — É teu, se quiseres. — Fechei os olhos e encolhi-me. Devia ter pensado um pouco melhor antes de ter oferecido um quarto ao Channing. A última coisa que preciso neste momento da minha vida é ter de o ouvir a fazer sabe-se lá o quê com sabe-se lá quem.

Ele pareceu surpreendido.

— Estás a falar a sério?

— Claro que sim.

— Salvaste-me a pele. Estou a dever-te uma das grandes. Pago o valor que costumavas cobrar... ou até mais. Estou-me nas tintas. Acabaste de me poupar a chatice de ter de procurar um quarto na cidade. Estava com receio.

— Bem, fico contente. Vai ser bom pormos a conversa em dia. — Estava a ser sincera. O Channing tinha uma personalidade que me punha sempre bem-disposta. Embora fôssemos mais chegados quando éramos mais novos, ele sempre foi uma companhia divertida. Afastámo-nos quando eu e o Rory começámos a namorar, mas eu sabia que podia sempre contar com ele, mesmo que não falássemos com frequência. Ele era mesmo como um irmão mais velho.

— Tens a certeza de que não te importas, Amber?

— Absoluta.

— Prometo que não te vou chatear. E no final de dezembro vou-me embora.

— Podemos voltar a falar quando estivermos mais perto de outubro, mas vou guardar o quarto para ti e não vou aceitar mais reservas para esses meses.

— Ótimo. — Ele calou-se. — Achas que o Rory vai ficar chateado? A pergunta dele deixou-me na defensiva.

— Nem sequer vou contar ao Rory. Não lhe devo nenhuma explicação. Não falo com ele há várias semanas.

O meu ex-namorado vive a meia hora de distância da minha casa e ficou com a custódia do nosso *golden retriever*. Como a casa dele tem um pátio com vedação, é um local mais apropriado para manter um animal. Por isso, só lhe telefono de vez em quando, para saber como está o *Bruiser*.

O Channing ficou em silêncio e depois disse:

— Estou certo de que não te apetece falar disso neste momento, mas podes contar comigo se alguma vez precisares de falar sobre aquilo que aconteceu entre vocês.

— Obrigada, mas não preciso de falar sobre o Rory. Nem agora nem nunca — respondi, na defensiva.

Não. Eu não precisava de falar sobre o meu namorado com quem estivera nove anos, e com quem perdera a virgindade, que decidira abandonar-me para darmos um tempo, uma vez que ele precisava de viver novas experiências. Ele sugerira que estivéssemos afastados durante algum tempo para «nos envolvermos com outras pessoas». Ele apanhara-me completamente de surpresa.

«Se estivermos destinados a ficar juntos, vamos acabar por voltar um para o outro, mas acho que nenhum de nós está preparado para o casamento quando nunca estivemos com mais ninguém. O casamento é um voto que não se pode quebrar, Amber.»

O Channing afastou-me das memórias das palavras do Rory.

Parecia que um comboio se aproximava à distância.

— Está bem. Uma vez mais, obrigado, Noz.

Noz. Uma alcunha que não ouvia há anos. Ele usava-a por causa do meu apelido: Walton¹. O Channing picava-me, dizendo que eu me parecia um pouco com uma noz.

¹ Semelhança fonética com a palavra «Walnut» (Noz). [N. T.]

O som do comboio tornou-se mais intenso. Ele prosseguiu:

— Tenho mesmo de te comer quando estiver aí.

O que é que ele acabou de dizer?

— Desculpa. Não consigo ouvir-te.

Ele gritou:

— Disse que tenho de te levar a comer quando estiver aí... para te agradecer por me deixares ficar em tua casa. Enfim, vou entrar agora no comboio. Depois falamos.

Oh, valha-me Deus.

— Está bem. Parece-me uma boa ideia.

— Fica bem, Amber.

— Tu também.



Não estava preparada para o verão passar tão rápido. Mal podia acreditar que, em menos de um mês, o Channing chegaria a Boston.

Decidi que estava na altura de substituir os lençóis andrajosos da cama do quarto vago.

Numa tarde, a minha amiga Annabelle acompanhou-me à Bed Bath & Beyond. A Annabelle era supervisora clínica da organização de serviço social onde ambas trabalhávamos. Durante o dia, eu era assistente numa turma de alunos com necessidades educativas especiais, e trabalhava com um adulto com necessidades especiais algumas noites por semana, para complementar o meu salário.

Era fim de semana e a loja estava cheia de alunos da faculdade que vinham acompanhados dos pais para se instalarem na cidade antes do início das aulas. Fui acometida por uma sensação de nostalgia ao ver todos aqueles jovens na fila para caixa com prateleiras para os produtos de higiene e almofadas de leitura. Ah, quem me dera ter outra vez aquela idade.

A Annabelle pegou num conjunto de lençóis cor de camarão que estava dentro de um invólucro de plástico.

— Que tal estes?

Abanei a cabeça.

— Não são suficientemente masculinos.

Voltou a pousá-lo na prateleira e pegou noutro.

— E que tal estes lençóis beges? De algodão egípcio?

Olhei com mais atenção e disse:

— Têm poucos fios.

— Pareces muito preocupada com esta escolha — disse ela, soltando uma gargalhada. — Tens a certeza de que não andas a planear passar algum tempo enrolada nestes lençóis?

Nem pensar.

Senti as faces afogueadas enquanto tentava justificar-me.

— Acredita em mim, o Channing seria o último homem com quem andaria enrolada nestes lençóis.

Ela arqueou a sobancelha.

— Porquê? É solteiro, não é? E acho que um relacionamento de consolação te faria bem.

— Consigo enumerar um milhão de razões para não acontecer nada com o Channing.

— Como por exemplo?

— Vejamos. Primeiro: o Channing dormiu com metade das minhas amigas. Segundo: ele foi o melhor amigo do Rory durante uns tempos. Terceiro: para mim, ele é como um irmão. E essas são apenas algumas das muitas razões.

— Não me consigo lembrar de uma maneira melhor de te vingares do Rory do que te meteres com o amigo dele.

— Por mais que eu gostasse de me vingar do meu ex-namorado, não será através do Channing Lord. Há demasiada história entre nós.

— Tens alguma fotografia desse Channing?

Abri a página de *Facebook* dele no meu telemóvel e ri-me ao imaginar aquilo que ela iria dizer. Analisei algumas das suas fotografias e escolhi aquela que eu sabia que arrancaria a reação mais

exagerada dela. O Channing estava a usar um gorro cinzento e uma camisa preta. Parte do seu cabelo castanho e lustroso espreitava por baixo do gorro. Estava a olhar para o lado, exibindo o seu perfil perfeito. A quantidade certa de barba cobria-lhe o maxilar anguloso. Pelos vistos, a fotografia tinha sido tirada quando ele estava a trabalhar como modelo para um estilista qualquer de Chicago. De acordo com a descrição, apesar de não ser modelo, ele tinha sido recrutado quando estava a passear na rua e convidado para fazer uma sessão fotográfica de improviso no estúdio de um fotógrafo. Isso não me surpreendeu. *Só mesmo o Channing*. Pelos vistos, eu estava hipnotizada, porque a Annabelle viu-se obrigada a tirar-me o telemóvel das mãos para olhar para a fotografia.

Ficou boquiaberta.

— Caramba. *Este rapaz* é como um irmão para ti? Como é que isso é possível? Jesus Hector Cristo... ele é uma brasa.

— Hector?

— Bem, costumam dizer Jesus H. Cristo. Achei que o H queria dizer alguma coisa. Adiante... sim, este tipo é muito bonito.

— Oh, eu sei. Acredita em mim.

— Se não fosse casada, o mais certo seria passar o tempo todo em tua casa. Mas, mesmo assim, sou capaz de passar. Explica-me novamente porque é que *ele* é como um irmão para ti?

— Temos uma longa história. — Fechei os olhos e respirei fundo. — O Channing é o irmão mais velho da minha amiga Lainey. Conheci-o através dela. Ela... — Hesitei. Era sempre difícil dizer aquilo em voz alta. Por mais anos que tivessem passado. — Ela morreu num acidente quando tínhamos 14 anos. Na altura, o Channing tinha cerca de 16 anos.

A Annabelle estava com ar de quem se tinha arrependido de perguntar.

— Oh, meu Deus. Lamento muito. Isso é terrível. Não sabia.

— Foi um momento muito difícil para todos nós. Ele nunca conseguiu falar sobre a morte dela. Mas, mesmo assim, foi a morte

dela que acabou por nos unir muito rapidamente. Só nos tornámos amigos depois disso. Foi assim que conheci o Rory, que era um bom amigo do Channing na altura.

— É provável que faças o Channing recordar-se da irmã ou pelo menos da vida que ele tinha antes de ela falecer. Ter-te por perto deve ter sido um consolo para ele.

— Isso talvez justifique a ligação que tínhamos. Eu e o Rory passámos muito tempo juntos depois do acidente da Lainey. Estar em casa dela acompanhada de todos os seus pertences reconfortava-me. A família deles não é grande. Eram só eles e a mãe. E agora é só a Sra. Lord e o Channing. O pai deles nunca fez parte da sua vida.

— Com que então o Channing era o homem da casa.

— Sim, e a morte da Lainey foi muito dolorosa para ele. E para mim também. Ela era como uma irmã para mim. Mas a pessoa que sofreu mais foi o Channing.

— Disseste que conheceste o Rory através do Channing...

— Sim. Parecíamos os Três Mosqueteiros.

— Tu e dois rapazes? Parece interessante.

— Já sabia que ias pensar algo do género, mas não, era uma relação platónica, mesmo até com o Rory. Só quando o Channing saiu do nosso estado para entrar na faculdade é que as coisas mudaram. Eu e o Rory aproximámo-nos e acabámos por nos tornar um casal. Nunca vi o Rory sob um prisma romântico. Na verdade, ele sempre me pareceu um bocado cromo. Sempre me senti mais atraída fisicamente pelo Channing. Mas o Rory conquistou-me. Com o Channing longe, acabámos por nos aproximar. E acabei por me apaixonar pelo Rory. Eu confiava nele. E, basicamente, uns anos mais tarde, revelou-se uma má escolha, como bem sabes.

— Como é que o Channing reagiu quando tu e o Rory se juntaram?

— Acho que não o incomodou, se bem que fiquei com a impressão de que ele se afastou de nós quando regressou da faculdade

e descobriu que estávamos juntos. O Channing passou um ano longe e depois pediu transferência para a universidade pública da nossa cidade. A dado momento, andámos todos na mesma universidade. Eu era caleira e o Rory e o Channing andavam no segundo ano. Como seria de esperar, o Channing tornou-se rapidamente popular entre as alunas do *campus*. Ele estava com uma rapariga diferente todas as semanas.

— Com que então ele é um engatató...

— Oh, sim.

— Bem, com aquela cara, não posso dizer que o censuro, mas ele vai acabar por se cansar disso. Que idade tem ele?

— Bem, eu tenho 25 anos... — Fechei os olhos por instantes para fazer as contas. — Por isso ele tem 27 anos, mas não imagino o Channing alguma vez a assentar, pelo menos para já.

Depois de escolher um conjunto de lençóis cinzentos com mil fios da *Ralph Lauren*, passámos na zona dos presentes de casamento a caminho da caixa de pagamento. Senti um aperto no coração. Foi nesta mesma loja e naquela mesma zona que a minha relação com o Rory começou a descambar. Andávamos à procura de uma máquina de café nova quando eu disse que tínhamos de começar a pensar num eventual noivado. Ele tinha tido um acidente de carro uns meses antes, mas estava quase totalmente recuperado. No entanto, nas semanas que se seguiram ao acidente, comecei a detetar algumas mudanças no comportamento dele, que culminaram na «conversa» que tivemos na Bed Bath & Beyond. Parece que o acidente o obrigou a repensar a sua vida e ele chegou à conclusão de que não via um futuro comigo.

A Annabelle interrompeu o meu devaneio.

— Estás bem, Amber?

Abanei a cabeça, tentando afastar os pensamentos sobre o Rory, e menti.

— Sim.

2

Amber

Enviara a chave da minha casa ao Channing para que ele pudesse entrar sozinho enquanto eu estava a trabalhar. O avião dele aterrou no aeroporto de Logan às 10 horas, o que significava que eu não estaria em casa para o receber.

Lavei e coloquei os lençóis novos na cama dele e abri uma janela para deixar entrar ar no quarto. Também lhe deixei uma mensagem de boas-vindas e dois rebuçados, o mesmo presente que oferecia aos hóspedes do *Airbnb*.

Uma vez que a escola onde eu trabalhava ficava a poucos metros da minha casa, decidi ir ao apartamento durante a hora de almoço para, pelo menos, o cumprimentar.

Estava um dia fresco em Boston e era uma tarde de outono marcada pela queda das folhas e por céus azuis. O bairro histórico onde eu vivia — Beacon Hill — era conhecido pelos passeios em tijolo e pelas casas geminadas de estilo federal. Sem dúvida, era um dos bairros mais procurados da cidade.

Enquanto me aproximava de casa, senti de imediato o cheiro de comida e ouvi música aos berros. Parecia que ele não tinha perdido tempo a pôr-se confortável.

O Channing nem reparou que eu entrei.

Engoli em seco. Fui apanhada de surpresa ao vê-lo assumir o controlo da minha cozinha. Não foi tanto por estar a fritar qualquer coisa no fogão, mas sim por estar a fazê-lo apenas de roupa interior.

As suas pernas musculadas estavam totalmente à vista e formavam um caminho que conduzia aos seus boxers cinzentos, que, ficando justos na zona do pénis e do traseiro redondo, deixavam pouco à imaginação. Ele estava a abanar o rabo de um lado para o outro. Não me restava a menor dúvida de que, se alguma vez o Channing decidisse fazer disto profissão, ele seria um sucesso. *O jeitoso sabia dançar*. Ele devia estar a ouvir um canal antigo de R&B porque estava a tocar a música *Do Me!* dos Bell Biv DeVoe. Supunha que esse podia ser o hino dele.

Ele parecia o Tom Cruise no filme *Negócio Arriscado* — bem, se o Tom Cruise estivesse em tronco nu e a cortar legumes. Respirei fundo e limitei-me a olhar para ele durante alguns segundos. Já o conhecia há vários anos, mas nunca o tinha visto *assim*.

Decidi que estava na altura de revelar a minha presença, por isso chamei-o, sobrepondo a minha voz à música alta:

— Channing!

De repente, ele deu meia-volta e começou a rir-se.

— Oh, merda! — Baixou de imediato o volume da música.

«*Miau*».

Foi aí que me apercebi de que parecia que ele tinha um gato pousado no ombro. Não tinha reparado nele porque o lado direito do corpo não estava visível. Além disso, eu tinha passado a maior parte do tempo a olhar para baixo.

Mas que raio?

— Trouxeste um gato?

«*Miau*».

— Não. — Ele abanou a cabeça e riu-se baixinho. — Quer dizer, mais ou menos. É uma história um pouco maluca. Conto-ta ao almoço.

— Cozinhas sempre seminu?

Estaria ele a corar?

— Por acaso... sim. Mas pensei que chegarias mais tarde. Caso contrário, teria vestido umas calças. — Ele aproximou-se e deu-me

um beijo na face, e o calor dos lábios e do corpo dele provocaram-me arrepios pela espinha abaixo. Um pequeno vestígio de saliva permaneceu na minha face.

Oh. Merda. Estou em apuros.

Lancei um olhar furtivo à barriga bronzeada e lisa dele e reparei que ele tinha uma tatuagem tribal simples que começava nos abdominais inferiores e descia para o abismo da linha coberta pela roupa interior. Era uma escolha intrigante e obrigava-me a questionar onde terminava a tatuagem.

Ergui o olhar.

— Sei que não estavas a contar comigo. Decidi passar por cá para te cumprimentar, uma vez que trabalho perto de casa.

— Fico muito contente por teres vindo. — Ele sorriu e revelou os seus belos dentes. — É tão bom ver-te.

— Digo o mesmo.

É bom ver-te todo.

Qualquer coisa que estava ao lume começou a queimar-se e ele dirigiu-se apressadamente para o fogão. O gato manteve-se colado ao ombro dele apesar do movimento célere que ele fez. Comecei a rir-me porque, de repente, vi a minha casa transformada num circo.

Ele olhou-me de relance.

— Podes ficar para comer, certo?

— Isso depende de se vais vestir umas calças ou não.

— Não queres *salsicha* para o almoço. Já percebi. Tudo bem — disse ele, piscando-me o olho. — Sim, claro que me vou vestir.

Estiquei o pescoço numa tentativa de ver o que é que ele estava a cozinhar e perguntei:

— Há comida suficiente? Não estavas a contar comigo.

— Sim. Faço sempre comida a mais.

«*Miau*».

— Importas-te de me dizer de onde veio este gato?

— Por acaso, não sei de onde ela veio. Mas, sem saber como, ela encontrou-me.

— O quê?

Ele encolheu os ombros.

— Sim. Eu estava a entrar aqui e ela seguiu-me até à tua porta. Encontrou-me em State Street e acompanhou-me até Beacon Hill. Não tive coragem de a deixar ali no passeio quando entrei. Ela não parava de miar na minha direção. Achei que estava com fome. Dei-lhe um pouco do peru que tinhas no frigorífico. Eu depois compro mais. Eu ia procurar um abrigo e levá-la lá mais tarde ou talvez amanhã depois do trabalho.

— Tu é que és um íman de gatas, Channing — disse eu, rindo-me baixinho.

— Se calhar.

Os nossos olhares cruzaram-se e o Channing parecia mesmo estar a observar-me.

Pigarreei.

— Bem, parece que as tuas primeiras horas em Boston foram cansativas.

— Qual quê! Até ao momento estou a gostar desta cidade. Parei num mercadinho simpático em North End a caminho de tua casa. — Encostou a cabeça ao ombro, onde a gata estava empoleirada. — Antes de me cruzar com esta gata.

Talvez agora não fosse a altura ideal para lhe dizer que não eram permitidos animais de estimação. No entanto, não conseguia deixar de me sentir enternecida por ele ter acolhido uma gata vadia.

— Boston é uma cidade bonita, sobretudo nesta altura do ano em que as folhas começam a mudar. Vais adorar viver aqui.

— Deitas um olho ao fogão? Vou vestir qualquer coisa.

A gata manteve-se no ombro do Channing enquanto ele se dirigia ao quarto para se vestir.

Voltou uns minutos depois com umas calças de ganga e uma camisola branca justa. Trazia a gata ao colo e embalava-a como um bebé nos seus braços fortes.

— Ela acabou por descer dos teus ombros?

— Não. Tive de pousá-la para conseguir vestir a camisola.

A gata estava a ronronar enquanto o Channing lhe acariciava suavemente a cabeça. Ele passou os dedos masculinos no pelo suave e branco da gata, o que fez com que os pelos do meu pescoço se eriçassem.

— Não há problema em pô-la no chão? Não sei se te importas que ela suba para a tua mobília.

Descartei as palavras dele com um aceno de mão.

— Claro que não. Não há problema nenhum. Se bem que tenho a certeza de que ela preferia ficar colada a ti para sempre.

— Não sei porque é que ela gosta tanto de mim. — Ele pousou suavemente a gata no chão. Ela roçou-se nas pernas dele enquanto ronronava. Em seguida, o Channing encaminhou-se para o lava-loiça para lavar as mãos. — Enfim, espero que tenhas fome.

— O que é que preparaste?

Ele retorceu as sobrancelhas.

— Ah... um *chef* nunca revela.

— O *chef* nunca revela os ingredientes, mas podes contar-me o que preparaste.

— Não, prefiro que proves primeiro, sem juízos de valor.

Cruzei os braços e abanei a cabeça em sinal de divertimento.

O Channing abriu uma garrafa de vinho branco que tinha colocado no frigorífico. Com um estalido, soltou a rolha e serviu dois copos.

Ergui as palmas das mãos e disse:

— Oh, não. Não posso beber. Vou voltar para o trabalho.

— *Achas* que vais voltar para o trabalho, mas, na verdade, não vais.

Eu sabia bem que, se bebesse uma gota de álcool que fosse, não voltaria para a escola.

— És uma má influência.

Ele esboçou um sorriso malicioso.

— Nem fazes ideia.

O meu corpo foi percorrido por arrepios.

— Faça, sim. E há algumas coisas que nunca mudam.

Ele piscou-me o olho e eu senti que a temperatura da cozinha tinha aumentado.

Quando nos sentámos para comer, o meu corpo arrefeceu um pouco à medida que me acostumava a tê-lo aqui. Ele tinha fritado... umas coisas... que depois enrolou em bacon. Fosse o que fosse, era delicioso.

O Channing falou-me sobre o seu cargo novo como engenheiro de qualidade na SeraMed e a gata manteve-se junto aos pés dele durante todo esse tempo.

— Então o que faz ao certo um engenheiro de qualidade?

— A empresa para a qual trabalho em Chicago é proprietária da SeraMed. Enviaram-me para aqui para supervisionar um produto médico novo que criaram e que a SeraMed está a fabricar. O meu trabalho passa por me certificar de que o produto cumpre as normas e as especificações de qualidade e depois sugerir mudanças, caso seja necessário.

— Parece complicado. Mas sempre soube que eras inteligente.

— Podes sentir uma enorme pressão para não fazeres asneira, sobretudo quando lidas com produtos médicos e com as vidas das pessoas. Mas, como bem sabes, temos de trabalhar no duro e divertirmo-nos ainda mais. Não levo o trabalho para casa comigo.

Depois de acabar de comer o que tinha no prato, fiz-lhe a pergunta que me andava a consumir.

— Pronto, podes dizer-me que raio acabei de comer? Era delicioso, mas não fazia a *menor* ideia do que estava a comer.

O Channing ria-se.

— O que é que achas que comeste?

— O meu palpite é que comi amêijoas fritas envoltas em bacon. Ele limpou a boca e sorriu.

— Era *escargot* frito envolto em bacon, por isso só acertaste na última parte... o bacon.

Oh, meu Deus.

— *Escargot?* Isso não são caracóis?

— Sim. Comprei-os no mercado de que te falei.

— Acabei de comer caracóis? Sabem a amêijoas!

— Comi caracóis e quero bem que te lixes, Channing. É isso que queres dizer-me neste momento? — perguntou ele, soltando uma gargalhada. — Diz-me que comias os caracóis se soubesses o que era.

— *Claro* que não os teria comido.

— Estás a ver? Por vezes, é melhor ficarmos na ignorância. Podemos desfrutar de uma coisa tal como é suposto, sem preconceitos. Os caracóis são uma iguaria... e um afrodisíaco.

— Lembro-me de ouvir isso. As ostras também. Mas não percebo. Como é que isso é possível? Como é que uma ostra, por exemplo, te dá vontade de fazer sexo? Isso faz algum sentido para ti?

Ele lambeu os lábios.

— Por acaso sei de onde veio essa associação.

— Sabes?

— Sim. Veio do Casanova, o famoso sedutor. Dizem que ele comia 50 ostras por dia para aumentar a potência. De alguma forma, associaram as ostras ao sexo por esse motivo.

— Bem, só um Casanova é que reconhece outro Casanova, diria eu — disse, piscando-lhe o olho. — Então estás a dizer que é mais um rumor do que outra coisa. Não existe uma razão científica?

— Já olhaste com atenção para uma ostra? — perguntou ele.

— Não, não posso dizer que tenha olhado.

— Parecem uns lábios.

— Uns lábios...

— Bem, tu sabes, os...

— Eu sei a que te referes. — Abanei rapidamente um guardanapo em frente ao rosto.

— Comer uma ostra é como... — Ele hesitou. — Bem, acho que já percebeste o rumo da conversa.

Senti arrepios a percorrerem-me a espinha enquanto olhava para os lábios dele.

— Sim, acho que sim.

— Se calhar o Casanova estava a praticar a sua técnica — disse o Channing.

— Teoria interessante.

— É, não é? — perguntou ele, com um sorriso.

Desesperada por me afastar dos temas sexuais, disse:

— Enfim, estas coisas que acabei de comer, os caracóis, *não* foram feitas para serem comidas.

— As vacas ou o peru e todas as outras coisas que comemos todos os dias também não.

Ponderei por instantes numa resposta e disse:

— Diria que é verdade.

— Por falar em peru, falaste com o Rory?

Argh.

Porque é que ele foi falar dele?

— Por acaso, não. É melhor assim. E não tens de falar dele para me fazer sentir melhor. Já sou uma menina crescida.

— Bem, tecnicamente, sinto-me mal por *ele*.

— Porquê?

Ele bebeu outro gole de vinho antes de dizer:

— Porque ele levou com os pés.

Espera.

O quê?

Ele não sabia a verdade sobre aquilo que tinha acontecido entre mim e o Rory? Parecia que toda a gente sabia.

— Eu não lhe dei com os pés. Onde é que ouviste isso?

— A Jordan não usou essas palavras exatas. Simplesmente assumi que a decisão de terminar tinha partido de ti. O Rory estava sempre pelo beicinho.

— Bem, a decisão não partiu de mim.

Ele estava a beber o vinho, mas parou a meio.

— Espera lá. Espera lá. Ele acabou contigo?

Assenti com a cabeça.

Ele repetiu:

— O Rory... acabou... *contigo*.

— Sim. Queres que o diga com todas as letras?

A expressão do Channing tornou-se séria enquanto ele pousava o copo.

— Desculpa... é que fiquei... surpreendido.

— Sim, eu também.

Ele serviu-me mais um copo de *Chardonnay*.

Levantei a palma da mão numa tentativa de o travar.

— O que é que estás a fazer?

— Liga para a escola a dizer que estás doente e não podes trabalhar durante a tarde. Quero que me contes o que aconteceu com esse idiota e quero que bebas mais vinho e relaxes enquanto o fazes. Além disso, é o meu primeiro dia aqui e a minha única folga. E isso é motivo suficiente para fazeres gazeta.

Como prestava apoio a professores do ensino especial, não tinha propriamente o tipo de funções que me permitia baldar-me ao trabalho sem ter uma dezena de contratemos. Mas já não me lembrava da última vez que tinha faltado. Estava a apreciar a companhia do Channing e sentia muita vontade de desabafar com ele. Queria que ele me dissesse que o Rory era um idiota por me ter deixado. Queria que ele me fizesse sentir melhor, mesmo que isso não mudasse nada.

O Channing inclinou a cabeça.

— Vá lá.

— Não vais aceitar um não como resposta, pois não?

— Nem pensar. Amarro-te à cadeira se for preciso.

Decidi ignorar os músculos que sentia a contraírem-se no meio das coxas ao pensar neste homem a amarrar-me a uma cadeira.

Não foi preciso muito para me convencer. Já tinha tomado a decisão de ficar quando bebi o primeiro gole de vinho. Sabia que

hoje a equipa estava completa, por isso, na minha cabeça, consegui arranjar uma justificação para faltar ao trabalho.

— Está bem. Acho que posso enviar uma mensagem ao meu chefe a inventar uma desculpa.

— Perfeito.

O Channing levantou-se para levar os nossos pratos para o lava-loiça e eu enviei uma mensagem ao meu chefe, na qual inventava uma doença súbita que me impedia de regressar ao trabalho durante aquela tarde.

— Para de te sentir culpada, Amber — disse-me o Channing.

Como é que ele sabia o que eu estava a sentir?

— És perspicaz, não és?

Reparei que a gata o tinha seguido para o lava-loiça.

O Channing colocou os pratos na máquina de lavar.

— Apetece-te sobremesa?

— Tendo em conta o que comemos ao almoço, deveria ficar preocupada?

— Prometo que não é nada de estranho. Na verdade, tenho a certeza absoluta de que vais gostar daquilo que comprei.

Ele pegou num saco de papel pequeno que estava na bancada e trouxe-o até à mesa antes de retirar dois *cake pops*.

Um sorriso largo espalhou-se pelo meu rosto.

Ele levantou os *cake pops*.

— Queres o cor-de-rosa ou o castanho?

— Mas que idade é que temos? Cinco? — Soltei uma gargalhada e depois respondi: — O cor-de-rosa.

Dei uma dentada na minha sobremesa e pensei no facto de o vinho branco e os *cake pops* serem uma ótima combinação. *Devia fazer isto mais vezes*. Mas a verdade era que nunca me teria passado pela cabeça fazer isto, tirar este tempo para mim mesma a meio do dia, se não fosse pelo facto de o Channing estar aqui. A minha cozinha nunca albergara tanta vida.

Baixei o olhar para o meu *cake pop* meio comido e disse:

— Isto faz-me lembrar a Hoffman's.

A Hoffman's era a pastelaria do bairro onde vivíamos e que ficava nos arredores de Chicago. Quando éramos pequenas, eu e a Lainey comprávamos muitas vezes *cake pops* dessa pastelaria.

A Lainey.

Eu não tinha por hábito dizer o nome dela pois não queria perturbá-lo. O Channing parecia sempre gostar de falar sobre as coisas que o faziam lembrar dela sem ter de falar *nela*, para não ser obrigado a lembrar-se do que lhe tinha acontecido. E foi assim que ele lidou com a dor provocada pelo acidente da irmã. Por isso, eu sabia qual tinha sido a ideia dele ao comprar estes *cake pops*. Era uma das suas formas subtis de honrar a memória dela.

— Eu sei que parecem os *cake pops* da Hoffman's. Foi por isso que os comprei. — Ele deu uma dentada e apanhou um pedaço de *fondant* de chocolate que lhe caiu na mão.

Olhou para os meus lábios e lambeu o que restava da cobertura. O seu tom de voz suavizou-se e ele apoiou-se nos cotovelos.

— Conta-me o que aconteceu com o Rory.

— Já te contei o que aconteceu.

— Quero a versão longa.

Sabia que não conseguiria evitar falar sobre isso. Por isso, bebi um gole de vinho demorado e comecei a contar-lhe.

Nos vários minutos que se seguiram, o Channing escutou-me atentamente enquanto eu descrevia o momento em que o Rory acabou comigo, os dias anteriores ao rompimento, o incidente na Bed Bath & Beyond, recorrendo às palavras exatas que o Rory me dissera quando sugeriu que nos envolvêssemos com outras pessoas.

Era a primeira vez que eu contava tintim por tintim o que tinha acontecido. Senti que estava a reviver esse momento e acabei por me deixar levar pela emoção. O facto de estar a contar tudo isto ao Channing deixou-me emotiva a ponto de chorar. Talvez fosse por não ter um irmão mais velho a quem contar as coisas, ou talvez fosse o facto de o Channing ser uma das poucas pessoas que me

conhecia a mim e ao Rory desde o início do nosso relacionamento e que sabia que o Rory era um rapaz de confiança. Tecnicamente, se não fosse pelo Channing, eu nunca teria conhecido o Rory. No entanto, senti que o Channing estava mesmo do meu lado. Parecia que ele queria dar uma tarefa ao Rory por me ter magoado. E isso trouxe-me algum consolo. Às vezes só precisamos de um amigo forte na nossa vida — um protetor. Para mim, o Channing era esse amigo. Mesmo que passássemos anos sem nos falarmos, eu sabia que podia contar com o apoio dele se alguma vez precisasse. De certa forma, era isso que estava a acontecer naquele momento.

— Eu sei que neste momento pode não parecer, mas o Rory fez-te um favor.

— Ao desperdiçar nove anos da minha vida?

— Acho que ele é louco por ter acabado contigo. Ele nunca mais vai encontrar outra pessoa como tu. Mas, de certa forma, ele tem razão. Não tiveste experiências suficientes para decidir que ele é a tua alma gémea. Só estiveste com um homem em toda a tua vida. Não me parece que ele consiga arranjar alguém melhor do que tu, mas acho que *tu* consegues.

— Isso não é uma coisa muito simpática para dizeres do teu ex-melhor amigo.

— Eu e o Rory nunca fomos tão chegados como tu achavas — apressou-se ele a dizer. — E mesmo que fôssemos, tenho de ser sincero. Sempre foste areia demais para a camioneta dele.

— Talvez de um ponto de vista mais superficial. Se bem que não o tens visto ultimamente. Ele agora está bem-parecido.

— Estás enganada... é de *todos* os pontos de vista.

Calei-me ao ouvir as suas palavras. Naquele momento, pouco me importava que ele me estivesse a fazer elogios exagerados. Fazia-me bem ouvi-lo dizer aquilo. Só precisava de me sentir bem esta noite, depois de meses a sentir-me na lama. Iria limitar-me a aceitar os elogios.

— Eu não queria um homem *melhor*, Channing. Eu queria o Rory, que era alguém a quem confiava a minha vida. Ele é um

bom rapaz e conhece-me como a palma da mão. Vou demorar anos a voltar a desenvolver esse tipo de ligação com outra pessoa. Se vires a tua vida constantemente a pensar se as outras pessoas serão melhores, nunca vais assentar.

— Não, mas se nunca saíres da tua bolha de conforto, nunca vais perceber que o importante não é a pessoa em si, mas sim o sentimento que ela provoca em ti.

Por instantes, fiquei a matutar nas palavras dele.

— Isso não faz sentido para mim.

— Eu sei. Acabei de inventar isto.

— Não tens jeitinho nenhum para isto, Channing — disse eu, soltando uma gargalhada.

— Mas se pensares durante algum tempo, começa a fazer sentido. E estás a sorrir. É isso que importa. — Ele riu-se baixinho. — Pronto, agora falando a sério, às vezes as pessoas têm de aprender da pior maneira. Ele vai perceber que cometeu um erro e vai voltar. O que resta saber é se estarás disposta a aceitá-lo de volta. A pergunta que se impõe é: se ele voltasse hoje, *irias aceitá-lo* de volta?

— Sinceramente, não sei. Uma parte de mim acha que sim, mas só porque essa parte de mim ainda o ama. Não é assim tão fácil esquecer uma pessoa quando passámos quase uma década com ela. Mas depois há outra parte de mim que ficaria sempre com receio de que ele me abandonasse outra vez. De qualquer forma, isso pouco importa. Ele não está aqui a pedir-me que o aceite de volta.

— Não, mas é certo que virá.

— Pareces tão seguro disso...

Ele cruzou os braços.

— E estou.

O Channing estava a olhar-me diretamente nos olhos e a intensidade do seu olhar obrigou-me a mudar de assunto.

Suspirei.

— Está certo... vamos falar de outro assunto que não o Rory. Pode ser qualquer outra coisa.

Ele amarfanhou um guardanapo e atirou-o a mim em jeito de brincadeira.

— Que tal falarmos sobre queijo bolorento?

— Pode ser.

— Estou a falar a sério. Que raio era aquilo que estava a crescer no teu frigorífico? Já agora, deitei aquela porcaria toda fora.

Envergonhada, disse:

— Ah. Pensei que estavas a gozar. Queres mesmo falar sobre queijo. Desculpa. Nos últimos dias não tenho prestado grande atenção ao frigorífico. Foi a única coisa de que não tratei antes de chegares. Nem sabia o que havia no frigorífico. Eu...

— Não me debes nenhuma explicação. Esta cozinha é tua... e o queijo bolorento também. Não me cabe a mim julgar.

— Achas que sou uma porca, não achas?

— Longe disso.

— Bem, não há desculpas para aquilo.

— Discordo. Acho que o facto de trabalhares muitas horas e de a tua cabeça não andar bem nos últimos dias à conta de um desgosto amoroso é desculpa suficiente. Que se lixe o queijo. Peço desculpa por ter falado nisso. Estava só a meter-me contigo. Pediste para mudarmos de assunto e, por algum motivo, essa foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

Numa tentativa de voltar a mudar de assunto, perguntei:

— Diz-me lá outra vez quando comesas o teu trabalho novo?

— Amanhã de manhã bem cedo.

— Uau. Está bem. Já conheces o percurso até lá?

— Tenho de consultar a linha de comboio na Internet.

— Tens de apanhar a linha cor de laranja em direção à vermelha. Acho que o nome da paragem é Kendall Square.

— Hei de desenhencilhar-me. — Ele sorriu e serviu-me o vinho que restava. — Conta-me mais sobre essa escola onde trabalhas. Gostas de trabalhar lá?

Eis um assunto do qual nunca me cansava de falar.

— Sim. Por acaso adoro o meu trabalho. É numa escola para crianças com problemas de desenvolvimento, como autismo e síndrome de Down. Dou apoio a professores do ensino especial durante as aulas. E também trabalho algumas noites por semana com um adulto com necessidades especiais. O meu trabalho consiste em integrá-lo na comunidade.

— Não deves ter mãos a medir.

— Pois não. Mas é um trabalho muito recompensador.

— Eles têm sorte por te ter.

Não sabia o que mais havia de dizer.

— Obrigada. — Nunca tinha tido muito jeito para lidar com elogios.

Abrimos outra garrafa de vinho e passámos as horas seguintes a recordar o passado. Já me tinha esquecido de que o Channing era um bom conversador e, a cada hora que passava, eu sentia-me menos intimidada pela sua presença física. A última vez que nos tínhamos embrenhado desta forma numa conversa tinha sido antes de eu e o Rory começarmos a namorar. Fazia-me lembrar dos dias depois da morte da Lainey.

Depois do nosso almoço alargado, senti-me muito melhor com a permanência dele em minha casa. O Channing continuava a ser o mesmo rapaz carismático do qual me lembrava, mas tinha amadurecido, sem sombra de dúvida. Parecia sensível aos meus sentimentos e eu deixei de recear que ele desrespeitasse o meu espaço. Na verdade, a única coisa que eu receava verdadeiramente, depois da tarde que passámos juntos, era habituar-me à presença dele e não querer que ele se fosse embora.

Eu não podia envolver-me com ele... Mas resistir-lhe é tão difícil!

Quando o Channing me perguntou se podia ficar alguns meses em minha casa, enquanto estava em Boston em trabalho, não fui capaz de lhe dizer que não. Só não esperava sentir-me tão atraída por ele, sobretudo depois de o Rory me ter abandonado tão recentemente. Apesar de nos conhecermos há muito tempo, eu não podia envolver-me com o Channing. Afinal, ele era o melhor amigo do Rory.

Quando uma amiga me sugeriu que contratasse um acompanhante, de modo a resolver as minhas carências, a ideia não me pareceu nada má. Foi assim que conheci o Cavaleiro Número Nove. Nos e-mails que trocámos, senti-me à vontade para lhe confessar a atração que sentia pelo meu companheiro de casa, e disse-lhe que uma noite de sexo sem compromisso seria a melhor solução para esquecer esse sentimento que nunca poderia ser concretizado.

Contudo, à chegada ao bar do hotel onde tínhamos combinado encontrar-nos, quem estava à minha espera não era o Cavaleiro Número Nove, mas sim... o Channing! E tinha uma proposta que eu dificilmente conseguiria recusar.

**MAIS HISTÓRIAS
ARDENTES
A NÃO PERDER:**



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-715-6



9 789895 647156

Romance Erótico